

UM RELATO DE MEMÓRIAS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO E DA ATUAÇÃO NO CURSO DE EXTENSÃO EM PEDAGOGIA SOCIAL – PIPAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

Francisco da Silva Alves¹

RESUMO

Este artigo é parte de uma trajetória de vida, de memórias que perpassam o contexto acadêmico e se intercalam com o trabalho profissional e o voluntário no cotidiano. Atitudes que podem mudar o modo como as pessoas vivem e aprendem com os outros através da sensibilidade de servir. Destaca-se aqui a importância de doar atenção, tempo e a prática da empatia em tempos de pouca união, pois a busca pelos seus próprios interesses tem tornado a humanidade desumana. Nesse sentido, a capacidade de se colocar no lugar do outro tem sido um gesto necessário que significa dedicar-se ao próximo, refletir sobre a sua própria necessidade naquele momento em que alguém consegue ser beneficiado, através da ação voluntária todo o bem que é transmitido por esse ato de empatia. Em outras palavras, fazer com o próximo exatamente aquilo que gostaria que lhes fizessem, nessa sintonia, cuidar uns dos outros. Nessa linha de pensamento, este artigo é desenvolvido baseado em um relato de experiência do trabalho voluntário que percorre desde a infância e a adolescência no ambiente escolar até chegar à Universidade como orientador de portfólio do curso de extensão em Pedagogia Social – PIPAS (UFF), com o objetivo de tornar mais acessível o caminho para a elaboração do trabalho de conclusão do curso, usando das próprias ferramentas da Pedagogia Social para manter os cursistas tranquilos e mais confiantes diante, não só da realização e apresentação do trabalho final, como também diante dos obstáculos durante todo o curso. Dessa forma, destaca-se a fundamental importância desse curso nos dias de hoje e a Pedagogia Social ser levada a diferentes lugares e pessoas.

Palavras-chave: Trabalho voluntário. Portfólio. Pedagogia Social.

INTRODUÇÃO

Acredita-se que o trabalho voluntário é uma ação empática e uma forma de se sentir útil diante da necessidade do outro. É o momento de doar tempo e sua habilidade para quem precisa, em sintonia harmoniosa e recíproca, pois tudo que é doado retorna em forma de gratidão, bem-estar, oportunidade de aprender com o

¹ Professor. Possui curso Normal, em nível médio, ofertado pela rede estadual de ensino do estado do Ceará. Licenciado em Letras pela (UNESA). Especialista em Alfabetização das Crianças das Classes Populares (UFF). Pesquisador em Pedagogia Social e orientador de portfólio do curso de extensão em Pedagogia Social – PIPAS/UFF.

outro, vivenciar novas experiências, outras realidades e aperfeiçoar o desenvolvimento pessoal obtido durante a prática da ação voluntária.

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de mostrar a importância do trabalho voluntário, bem como as oportunidades de aprendizagem que a própria experiência vivenciada durante um percurso da infância no ambiente escolar e passar por diferentes experiências até chegar ao trabalho prestado no curso de Extensão em Pedagogia Social – Grupo PIPAS da Universidade Federal Fluminense (UFF), desempenhando um importante papel de orientador de portfólio durante a realização das Ações Sociais desenvolvidas pelos cursistas, com uma proposta de ser voluntário e experimentar na prática o que significa atuar dessa maneira nos dias atuais em diferentes espaços em situação de vulnerabilidade.

Ressalta-se a importância do trabalho de orientação no curso de extensão, pois tem sido desenvolvido de uma forma diferente na Universidade Federal Fluminense. Isso porque quando se fala em trabalho de conclusão de curso, é possível imaginar muito trabalho, pressão e muitas vezes um distanciamento entre orientador/cursista, mas na extensão do curso de Pedagogia Social, esse trabalho tem sido diferente, ele ganhou um novo significado a partir do momento que a pedagogia social precisava ser aplicada nessa parte do curso, seja para orientar, escutar, incentivar, motivar, dar dicas, ensinar, aprender, encorajar, desabafar, compartilhar angústias, tristezas e alegrias. E a partir daí, o orientador de portfólio passa a fazer parte de cada cursista, pois ambos passam a caminhar juntos durante a realização do portfólio da ação social. E o trabalho de orientação vai além de exigir um trabalho bem escrito e formatado, exige cuidado e responsabilidade com o cursista, pois se preocupa mais com o processo de todo o trabalho e as pessoas que fazem parte dele como um todo, fazendo-o acreditar que é possível.

Nesse contexto, relata-se como o curso de extensão em Pedagogia Social do grupo PIPAS/UFF se tornou tão necessário na vida de muitos acadêmicos, educadores e outros que se sentem atraídos pela Pedagogia Social, no sentido de atender pessoas que lidam diariamente com outras pessoas em situações de vulnerabilidades por diferentes questões da nossa sociedade nos dias de hoje.

Com a Pedagogia Social, entende-se que a atuação profissional deve ser humanitária, sem interesses próprios, uma atuação que se preocupa, cuida para o crescimento e superação do indivíduo em situação de vulnerabilidade, por meio de ações que promovam a cidadania e o bem-estar. Com a participação do voluntariado

cada vez mais engajada nas causas sociais, é possível perceber resultados positivos na sociedade atual, em diferentes lugares e com diversas pessoas. E é exatamente o que o grupo PIPAS-UFF tem feito nos últimos anos, promover capacitação para um público diverso e sensibilizá-lo para um trabalho mais humanitário, independentemente do local em que esteja inserido, classe social ou ambiente de trabalho. Passamos a entender que é possível fazer algo de onde estou, com o que eu tenho e o que posso fazer pelo o outro em determinado momento.

Ressalta-se a fundamental importância da extensão chegar a outros espaços não-escolares, a outras cidades e até mesmo a outros estados. Pois através dessa expansão do curso e o fato de a Pedagogia Social ser levada a diferentes espaços, tem fomentado a prática de boas ações, através da sensibilidade, generosidade, empatia e o hábito de cuidar e se preocupar com o outro.

E em tempos difíceis, percebemos o quanto podemos nos reinventar, recomeçar e, principalmente nos dedicarmos mais a tudo que parecia distante, mas que sempre esteve tão próximo a ponto de não nos darmos conta de tudo que temos de mais precioso em nossas vidas.

Na extensão do PIPAS é possível compreender o quanto podemos ser útil aos nossos semelhantes, através da generosidade, ações voluntárias, dedicar tempo e escuta para quem precisa, entre tantas outras maneiras de fazer o bem a pessoas que conhecemos e a quem nunca vimos também.

Nessa perspectiva, o trabalho voluntário realizado no curso possibilita aprendizagens tanto para os cursistas quanto para quem está se dedicando a ajudar. Tal atitude é fruto de uma longa trajetória de dedicação ao seu semelhante, considerando que essa ação se torna contagiante, pois quem ajuda é ajudado, e quem é ajudado, também ajuda. E assim por diante, em um ciclo do bem que não se acaba.

Alguns autores/pesquisadores e suas temáticas foram de fundamental importância para uma reflexão acerca da prática da Pedagogia Social em diferentes lugares, com o trabalho voluntário, ação social, empatia, educação popular, amor o próximo e o estudo de outras temáticas relacionadas ao assunto em pauta no presente artigo. Dessa forma, as contribuições da professora Margareth Martins de Araújo trouxeram motivação e empatia para continuar efetivando a prática dessa Pedagogia Social que tem ganhado forma cada vez mais, juntamente com o aporte do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire em seus escritos para a humanidade.

O SER VOLUNTÁRIO DA INFÂNCIA AO CURSO DE EXTENSÃO EM PEDAGOGIA SOCIAL

Desde cedo o trabalho voluntário tornou-se parte da minha vida, pois muitas aprendizagens foram adquiridas ainda na infância, quando aprendi que o ato de ajudar o próximo seria bom tanto para quem é ajudado quanto para quem ajuda. Com esse pensamento, foi possível perceber o quanto esse gesto é grandioso, sem se importar com o tamanho da ação para com o outro, pois o que pode ser pequeno para uma pessoa, pode ser de valor inestimável para quem é contemplado com o ato voluntário da ajuda. O início de uma boa ação começa pelos gestos mais simples no dia a dia, muitas vezes não percebidos, como por exemplo, ceder o seu assento no ônibus ou a sua vez na fila, dentre tantas outras formas.

Em algumas memórias da minha infância, adolescência e também da vida adulta, é possível recordar de alguns vizinhos me procurando para resolver problemas na TV e/ou no celular, algo simples e prático de solucionar, mas para eles era algo muito difícil e ainda tinham medo de errar, piorar tudo se tentassem resolver as questões sozinhos, depositavam muita confiança no meu conhecimento e nos meus estudos, sempre me acharam inteligente e habilidoso na hora de resolver determinadas situações envolvendo a tecnologia. Por eu ser uma pessoa que sempre estudou, acreditavam que era possível resolver tudo ou quase tudo. Para essas pessoas, que não tinham muita instrução, essa ajuda significava muito, pois era possível deixá-los mais tranquilos apenas apertando o botão certo da televisão para acabar com a dificuldade, e/ou mexer nas configurações do celular para que retorne como era antes. A felicidade estampada no rosto dessas pessoas era muito gratificante, mesmo sendo algo tão simples, mas o gesto para elas significava muito. Tal situação, nos faz refletir sobre a felicidade, pois ser feliz depende de nós mesmos e do quanto intensificamos nossas alegrias e tristezas, através da importância ou não que podemos dar as coisas, as pessoas.

Nesse sentido, entende-se que para ser feliz, não é preciso de muito, basta estar de bem consigo e com os outros. E é através do servir e ser servido que podemos ser mais felizes e fazer alguém se sentir assim também.

É partir de pequenas atitudes como, acompanhar pessoas idosas a determinados lugares, prestar favores aos vizinhos ou o simples ato de colaborar com o outro de alguma forma, é possível tornar tudo isso um hábito e deixar que essas

ações façam parte do nosso cotidiano naturalmente. Da mesma forma, é através da ajuda recebida que também é possível entender que essa é uma ação recíproca, que em algum momento poderá ser retribuído tudo aquilo que doamos com amor, ou seja, tudo retorna em algum momento da vida. No entanto, a ajuda deve ser voluntária, sem esperar trocas, a não ser a gratidão, pois não há melhor pagamento que a gratidão. É muito gratificante saber que foi útil para que outra pessoa pudesse superar um momento difícil, desafios ou fazê-la perceber que não está sozinha em momentos desafiadores da vida.

É necessário compreender que o ato de doar, não é o mesmo que, simplesmente dar. Visto que dar, significa destinar, oferecer, fornecer. Já o doar, denota ato de amor, dar sem trocas, presentear com carinho, dedicar com sinceridade. Nessa perspectiva, o que explica essa conotação é o fato de entender que, o doar é algo de dentro para fora (PASSOS, 2019, p. 65)

Sobre esse aspecto, reforça-se que o ato de servir é uma ação de mão dupla, é benéfico para ambos, quem serve e quem é servido, pois fazer o bem faz bem. E quanto mais se pratica esse ato, mais ações desse tipo podem acontecer.

Na escola, é possível lembrar de vários momentos em que o ato de servir era praticado entre alunos e professores. Muitos alunos já experimentaram estar à disposição do professor, seja para buscar um copo d'água, um cafezinho, buscar as atividades xerocadas, apagar o quadro, copiar as atividades no quadro, distribuir folhas ou livros, recolher o material, até mesmo chamar o (a) diretor (a) para resolver questões na sala de aula, entre tantas outras formas de ajudar o professor. Um momento de confiança que o aluno experimenta e se sente honrado. Na verdade, sempre foi possível perceber uma disputa por esse cargo na sala de aula, muitos alunos gostam de ser elogiado pelo seu professor (a).

Oliveira (2011, p. 161) relata em seu livro *Crianças Narradoras e suas vidas cotidianas* que os “adultos em processo de formação docente quando rememoram a escola da infância recuperam experiências de um tempo passado que ajuda a ressignificar o que a escola foi.”

Vale lembrar que o ambiente escolar sempre foi um dos meus favoritos, estive sempre à disposição para a realização de grandes e também de pequenos eventos relacionados ao ensino e aprendizagem, pois em tudo o que acontecia na escola, eu queria estar presente e participar de alguma. A biblioteca era um dos lugares mais fantásticos que costumava ir e sempre gostei muito desse maravilhoso

espaço, principalmente no horário que não estava em aula, ou seja, se estudava de manhã, visitava a biblioteca à tarde, e se estudasse de tarde, visitava de manhã. Dessa forma, não prejudicava o ensino e ainda ocupava o meu tempo livre, sem falar do privilégio de poder estar na escola em diferentes horários, tendo a permissão dos professores e da inspeção, por se tratar de tarefas de casa e precisar de um lugar para fazer pesquisas, fazer ensaios para trabalhos a serem apresentados em eventos, já que em casa não tinha um espaço adequado para estudar e muito menos livros e/ou computador. Mesmo quando não havia atividade de casa, eu dava um jeito de estar na escola, pois sempre gostei desse ambiente e das interações com os colegas e professores. Além das leituras, pesquisas e trabalhos realizados em grupo nesse espaço, costumava ajudar na organização e manutenção dos livros, para que esse importante ambiente de aprendizagem continuasse sempre acolhedor, organizado e muito visitado pelos alunos.

No ensino Fundamental, os meus colegas de sala gostavam muito da forma como eu costumava fazer as capas dos trabalhos, sejam em folhas separadas, no caderno e/ou em cartazes. Eles gostavam tanto que me pediam para fazer essa parte do trabalho, quando formávamos grupos.

Os anos foram passando, e tudo continuou acontecendo como sempre gostei, de estar na escola. Mas logo chegou o ensino médio e os anos da educação básica acabaram. Ainda não sabia o que fazer após “concluir os estudos²”, como costumam dizer na minha querida e pequena cidade de Nova Russas, no estado do Ceará. Só não sabia que os estudos só estavam começando, muito ainda estava por vir.

Para continuar no ambiente escolar, existia uma forma, tornar-se um professor. Foi a maneira mais genial encontrada para nunca se afastar da escola, pois ser um professor me deixaria sempre próximo, poder acompanhar e fazer parte de gerações. E assim aconteceu, o primeiro passo foi fazer o curso normal, isso garantiu continuar por mais três anos, e manter-se conectado com a escola, professores, alunos e com os estudos. Confesso que no início, a vontade de fazer esse curso era apenas para estar na escola, mas depois isso foi mudando, pois o gosto e jeito pela profissão foi aos poucos tomando forma. Logo, a minha permanência no ambiente escolar seria definitiva. Só que dessa vez seria de uma forma diferente, estava

² Um termo muito utilizado na cidade natal do autor. Para muitos jovens, o Ensino Médio significa o término dos estudos, pois logo saem de sua terra natal em busca de melhores condições de trabalho e de vida em outros estados, em cidades maiores e com mais oportunidades.

experimentando a experiência de ser um professor, e não um aluno, de servir, de ensinar e aprender sempre mais.

Nessa primeira etapa, percebi que era um dos mais novos da turma e um dos poucos homens matriculados no curso Normal. Além disso, a maioria já havia tido o contato com a sala de aula e experiência na profissão. Enquanto eu ainda estava perdendo o medo de apresentar trabalhos para a turma. Em muitos momentos achei que não seria possível continuar, pois o medo, a insegurança se faziam presentes todos os dias, inclusive no momento de estágio e na elaboração do trabalho de conclusão do curso. Quando foram passadas as coordenadas para a elaboração e formatação, quase desisti, pois era o meu primeiro contato com esse tipo de trabalho, ainda estava inexperiente, indeciso e com medo de fazer errado. Mas, quando foi flexibilizado para fazer em grupo, o trabalho foi realizado com sucesso. E o medo foi superado nesse primeiro momento, mas sabia que era só o começo de uma nova fase da minha vida acadêmica.

Na faculdade não foi diferente, apesar de muito tímido e calado, aos poucos ia criando coragem de explorar e ocupar os espaços da Universidade, descobrir o que poderia usufruir e também partilhar de todo conhecimento adquirido com os outros colegas, até mesmo alunos de outros cursos. Sempre chegava mais cedo para isso, pois queria aproveitar os espaços destinados aos estudos e auxiliar outros alunos com suas atividades.

Durante o trabalho de conclusão de curso, pude aprender e aperfeiçoar todo o meu aprendizado auxiliando meus colegas na formatação de suas monografias, o que resultou em uma aprendizagem para além do curso de graduação, essa experiência possibilitou aperfeiçoar-se na elaboração de trabalhos acadêmicos e continuar com esse aprendizado orientando outras pessoas.

A partir desse aprendizado, foi possível ampliar as orientações, fazer um dinheiro extra e ajudar outros alunos de diversos cursos e faculdades. E nessa perspectiva, possibilidades foram surgindo, inclusive o convite de poder fazer parte do grupo PIPAS-UFF, através do trabalho voluntário, com o intuito de colaborar na orientação dos cursistas durante a elaboração do portfólio da Ação social desenvolvida como proposta de trabalho de conclusão do curso de extensão em Pedagogia Social da UFF.

Sabemos que a elaboração de um trabalho de conclusão de curso tem inúmeras exigências, seja no curso técnico, extensão, graduação, Pós-graduação

(especialização, mestrado, doutorado), muitas das vezes, deixando o cursista muito aflito, com medo, ansioso e até mesmo pensando em desistir devido às cobranças. Além das inúmeras solicitações de cada curso, muitas situações pessoais podem interferir no andamento e produtividade das atividades propostas durante a realização do trabalho final. E nem sempre os problemas pessoais são compreendidos, tornando ainda mais difícil o término do tão sonhado curso.

Nesse contexto, o trabalho voluntário no curso de extensão surge com a proposta de doar tempo e habilidades para ajudar os cursistas na elaboração do trabalho final, pois muitas vezes o trabalho de conclusão assusta muita gente. Além da elaboração do portfólio, a ação social precisa ser apresentada em Power point para os outros cursistas e para uma banca de professores do grupo de Pesquisa em Pedagogia Social da UFF.

De fato, muitos dos cursistas possuem dificuldades na elaboração do trabalho, dúvidas em relação à proposta, dúvidas sobre a apresentação e dificuldades de se expressar em público.

Sabendo das dificuldades dos cursistas e de outras questões pessoais, o trabalho de orientação passa a ser um desafio, não apenas pelas dúvidas que surgem sobre a elaboração da atividade, mas também com o objetivo de encorajá-los para que não desistam do curso diante da proposta e outras questões que possam surgir. Deste modo, o trabalho voluntário de orientação dessa atividade passa também a ter um novo significado, que vai além do auxílio para realizar e construir o portfólio para ser apresentado à universidade. Assim, torna-se necessário uma atuação nos bastidores do curso, onde as dúvidas são tiradas, as angústias compartilhadas e o exercício de orientação se torna de motivação para trazer de volta o ânimo do cursista para que consiga concluir o curso.

Nesse contexto, entende-se que ser voluntário é um privilégio que poucos possuem, é um trabalho que o cargo ocupado não possui demissão, ninguém manda ninguém embora, a menos que o pedido de demissão seja feito pelo próprio voluntário. Mas diante do trabalho realizado, acredita-se que quem esteja inserido na Pedagogia Social não queira sair. Servir, sentir-se útil, são palavras que andam juntas, pois saber que pode fazer algo para o bem de outra pessoa é um sentimento que faz bem para quem serve, e saber que alguém precisa de suas habilidades significa saber que você é importante para alguém ou para muitas pessoas.

Foi com esse pensamento que iniciei a minha profissão de professor e educador, pois sempre quis exercer a função atuando com pessoas menos favorecidas, excluídas e vulneráveis.

É certo que um (a) professor (a) faz opção pelos menos nutridos, pelas crianças desamadas na escola burguesa. Mas o trabalho educativo não vai mergulhar nas razões da tristeza, não vai se aprofundar no porquê da carência e da exclusão sofrida. Isso não é o suficiente. Penso que o melhor caminho passa pela invenção da alegria. Aquela satisfação que surge de um trabalho que desintimida. Aquele contentamento que brota do desabafo cultural é um contentamento pedagógico porque ele desentorpece” (FREIRE e NOGUEIRA, 1993, p. 52).

É preciso acreditar no trabalho de educador que o professor carrega e tem a oportunidade de exercer com o seu educando, pois sabemos que ser professor não é apenas ensinar, é mergulhar nos desafios trazidos pelos seus alunos, fazê-los acreditar que é possível mudar o rumo de suas vidas e construir uma nova história. Da mesma forma, é necessário que o professor educador acredite no seu trabalho, como se fosse uma missão possível.

Às vezes, eu sentia vontade de pegar turmas consideradas “problemáticas”, só para desafiar a mim mesmo, ao tentar fazer algo para mudar o destino de muitos educandos que precisam de alguém que os oriente e incentive a nunca desistir de sonhar. E é exatamente nesses espaços, a escola e Universidade, que muitos constroem seus sonhos.

Nesse contexto, sabemos que a escola e a Universidade são espaços de todos, por isso, nós, professores e educadores precisamos estar neles e lutar para que muitos consigam ter acesso e permanência. Seja como for, é necessário fazer algo, assim como a professora de Educação Física, Mônica Coelho (a professora Marginal³) que encontrou uma forma de trazer de volta à escola, através da poesia, do rap e do slam, jovens considerados “marginalizados”.⁴ “Tudo começou pelo skate, de tentar introduzir o esporte, aí veio o boné e as outras culturas” (COELHO, 2019).

Ressalta-se que, diante do percurso para chegar a determinado ponto em nossas vidas, é necessário sonhar, e o mais importante é acreditar que tudo pode ser realizado. No livro amarelo da “coleção pedagogia social”, volume 8: *Pedagogia*

³ **Professora Marginal** é um termo cunhado pela autora por traduzir o sentido do outro em relação a seu trabalho. Forma de resistência cultural (COELHO, 2019).

⁴ COELHO, Mônica Paranhos. **Jovens e cultura marginal: do mínimo ao máximo – derrubando muros**. Curitiba: CRV, 2019.

Social: Diálogos com crianças trabalhadoras, a professora Dr.^a Margareth Martins considera “que os sonhos mobilizam as pessoas em torno de uma determinada ideia e que, para além de sonhar, será preciso agir no sentido de concretizar o que já sonhado” (MARTINS, 2015, p. 135).

Do sonho de estar sempre no ambiente de aprendizagem nasceram inúmeras possibilidades de permanecer na escola e também na Universidade, atuando de forma colaborativa com pessoas desses espaços e abrangendo-se a outros, acreditando nos sonhos de muitas pessoas e ajudando-as a superar desafios e obstáculos que um dia também já tive que passar para chegar onde tanto almejei estar, pois são nesses espaços de aprendizagem, de pessoas, lutas, sonhos, diversidade, conhecimento, resiliência, conquistas e com a Pedagogia Social que quero continuar me ocupando.

O PÚBLICO ALVO DO CURSO

O curso de extensão em Pedagogia Social atende um público diverso, são pessoas de diversas áreas do conhecimento e diferentes formações, tendo como público maior, os educadores sociais, assistentes sociais e professores. No entanto, o curso é aberto para todos, pois acredita-se que a pedagogia social seja necessária em todos os espaços. Nesse sentido, a procura pelo curso cresce a cada ano, e muitos cursistas dos anos anteriores decidem permanecer acompanhando as atividades realizadas posteriormente.

Nos últimos anos, percebeu-se que o curso teve uma expansão não apenas na diversidade dos cursistas, houve um crescimento do número de pessoas que vêm de longe, de outras cidades mais distantes do campus da UFF/ Niterói. Nesse sentido, observou-se o interesse e o esforço que muitos fazem para estar presentes uma vez no mês, das 14h às 17h no curso. Muitos se deslocam de diferentes bairros locais e de outras cidades vizinhas, até outras mais distantes, como Maricá, Mangaratiba, Araruama, Saquarema, Macuco, entre outras. Mesmo com muitos compromissos, a distância e a correria do dia a dia, essas pessoas reservam um tempo para o curso, e ainda desenvolvem uma ação social durante o percurso dos encontros. Isso porque a pedagogia social atua com a teoria e a prática. Uma forma de aproximar o cursista/pesquisador da realidade dos locais citados nas pesquisas dos professores palestrantes convidados, pois eles relatam suas experiências já vivenciadas em diferentes locais com pessoas em situação de vulnerabilidades. Dessa forma, a

proposta de fazer algo por essas pessoas se tornou um diferencial da pedagogia social, especificamente da extensão, por concentrar o maior número de cursistas todos os anos. Através do curso, existe uma aproximação de tudo o que é mostrado durante as palestras e as diferentes possibilidades de se fazer algo em prol da humanidade na prática.

A Pedagogia Social utiliza-se também da metodologia “Pesquisa-ação”⁵, comentada por THIOLENT (1986); para ele, a pesquisa-ação acontece “quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação.”

De acordo com Minayo (2009), esse tipo de aproximação da prática é chamado de pesquisa de campo, promove uma interação com os sujeitos “atores” que condizem com a realidade. Tal prática é considerado de grande importância para quem faz pesquisa social, parte de um conhecimento que já existe. Da mesma forma, torna-se fundamental essa interação com a realidade social que muitos ainda não conhecem de perto e o simples ato humanitário de doar tempo e suas habilidades para o próximo. Uma ótima oportunidade para demonstrarmos amor, sensibilidade e empatia, colocando-se no lugar do outro, fazendo exatamente aquilo que gostaríamos que fizessem conosco.

Nesse contexto, Buscaglia (2002, p. 19) conta “algumas maneiras de nos tornarmos seres humanos grandiosos, sensíveis, que têm algo a compartilhar com os outros. Primeiramente, o ser humano amoroso deve se preocupar consigo.” É bem verdade que é necessário estar de bem com você mesmo para poder estar de bem com o outro. E assim, transmitir essa energia positiva em forma de ações voluntárias em prol da humanidade.

E é nessa perspectiva que a extensão da Pedagogia Social procura promover com os seus encontros, atendendo um público cada vez mais diversificado e alcançando novos espaços e lugares, de diferentes realidades. E sempre redescobrimo novas possibilidades com os próprios cursistas.

Em 2019, o curso foi levado a Macuco, uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Essa foi uma excelente oportunidade para muitos profissionais que atuam nesse município, pois para participarem do curso de extensão em Pedagogia

⁵ A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1986, p. 14).

Social, seria necessário se deslocar muitos quilômetros para estar em Niterói no horário combinado dos encontros do curso. Além do tempo perdido com uma longa viagem, muitos não poderiam arcar com as despesas de transporte, lanche, entre outros gastos necessários. Para facilitar, os encontros do curso foram alternados, um mês na UFF/Niterói e outro em Macuco, com o apoio da professora e coordenadora do curso PIPAS/UFF, Margareth Martins de Araújo e a iniciativa de Sheila Penavilla, cursista no ano de 2018 com ajuda de seu companheiro André Coelho. A cursista Sheila Penavilla apresentou sua ação social a partir de um trabalho que ela já realizava no município de Macuco. Dessa forma, foi possível perceber que muitos cursistas que procuram pelo curso de extensão já desenvolvem trabalhos semelhantes ou já participaram de projetos sociais, ou seja, a pedagogia social já fazia parte de suas vidas, e que agora se fortaleceu ainda mais após essa nova experiência a partir da teoria estudada na Universidade e a comprovação desta através da prática. “Quem faz alguma coisa, aprende a fazer, cada vez melhor e aprende o que poderíamos chamar de subprodutos essenciais, envolvendo a prática de fazer” (FREIRE, 1989, p. 24).

A experiência de Macuco reforçou que é possível ir além dos muros da Universidade com a proposta da Pedagogia Social, chegar a lugares distintos e tocar pessoas de diferentes formações, através do teórico prático da Ação Social e a elaboração de portfólio.

No ano de 2020, o curso deu um novo salto em termos de expansão e flexibilização para realizá-lo. Devido a pandemia do Covid-19, o curso passou a acontecer de forma híbrida, pois esse belíssimo trabalho não podia parar, sabendo da sua fundamental importância para muitos educadores, professores e todos aqueles que se sentiram atraídos pela pedagogia social. Algo que não estava previsto acontecer no curso, pois entende-se que o contato com todos sempre foi interpretado como algo de fundamental importância durante os encontros do curso, inclusive no dia das apresentações dos portfólios.

Nessa perspectiva, com a flexibilização das atividades e os cursistas poder acessar tudo pela internet nesse período de isolamento social, o curso passou a atender também educadores sociais do estado do Ceará, levando a pedagogia social para dezenas de pessoas que lidam com os diversos temas apresentados durante os 10 (dez) encontros do curso de extensão. Mas isso não representou apenas levar aprendizados e conceitos para esse estado, significou um verdadeiro intercâmbio de

aprendizados, cultura e diferentes formas de pensar a pedagogia social em uma época que tanto necessitamos estar juntos, mesmo distantes por conta do distanciamento social por causa da pandemia.

A IMPORTÂNCIA DO GRUPO PIPAS E SEUS COLABORADORES

Entende-se que o curso de extensão em pedagogia social tem uma fundamental importância na vida acadêmica e profissional de milhares de pessoas que atuam, principalmente nas áreas sociais e educação. No entanto, sabemos que a pedagogia social é necessária em todos os espaços, pois entende-se que há uma necessidade de empatia, amor, união e paz na humanidade, tanto para doar como para receber.

De acordo com a professora Dr.^a Margareth Martins (2020), coordenadora do grupo de pesquisa e do grupo PIPAS/UFF:

O grupo de pesquisa em Pedagogia Social da UFF é de grande importância porque ele constrói por dentro da Universidade a possibilidade de criar a formação inicial e permanente de educadores sociais com base no desenvolvimento no trabalho de pesquisa social da extensão de formação de pedagogos sociais para o século XXI. Assim, foi associado a formação de cada um e construindo esse trabalho ao longo de 20 (vinte) anos. Desse mesmo curso de extensão, surgem as disciplinas do curso de especialização e a pesquisa se retroalimenta nesse tripé no qual a Universidade está ancorada: ensino, pesquisa e extensão. Ressalta-se que a importância são os cursistas de extensão que já somam aproximadamente 10.000 (dez mil) ao longo desses vinte anos, três turmas de especialização, o campo de mestrado e doutorado na área de Pedagogia Social. Dessa forma, a importância do grupo está na revista em pedagogia social da UFF e tudo que produzimos.

Dessa forma, entende-se que a junção de todas as atividades e produção já realizada pelo grupo, somam um acervo de pesquisa em Pedagogia Social de grande valor, disponíveis de diferentes formas, para todos os públicos interessados nessa linha de pesquisa e que queiram atuar com a Pedagogia Social em diferentes espaços.

O curso de extensão em Pedagogia Social é formado por colaboradores de diversas áreas e que dedicam tempo e suas habilidades para atuar no grupo de pesquisa, especialização e no curso de extensão, com palestras, oficinas, orientações e outras atividades dentro do contexto da Pedagogia Social.

O grupo atua de diferentes maneiras, sempre unidos. E a partir de reuniões, novas propostas são lançadas e articuladas a outras já existentes. Cada membro fica

responsável por uma tarefa, seja a de palestrar, ministrar aulas, escrever artigos, fazer pesquisas, reflexões, organizar eventos, divulgação, organização e outras atividades que fazem parte dessa valiosíssima equipe da pedagogia social. Entendemos que a participação de todos os membros é o que fortalece todas as atividades desenvolvidas nas mais diversas formas de atuação do grupo PIPAS, na universidade e fora dela.

REAPRENDENDO EM TEMPOS DE COVID-19

Vento contra é pra gente voar

Você já viu uma pipa voar a favor do vento?

Claro que não.

Frágil que seja, de papel de seda e taquara, nenhuma se dá ao exercício fácil de voar, levada suavemente pelas mãos de alguma corrente.

Nunca.

Elas metem a cara.

Vão em frente.

Têm dessa vaidade de abrir mão de brisa e preferir a tempestade.

Como se crescer e subir fosse descobrir em cada vento contrário uma oportunidade.

Como se viver e brilhar fosse ter a sabedoria de ver uma lição em cada dificuldade.

No fundo, no fundo, todo mundo deveria aprender na escola a empinar pipas, pandorgas ou raias.

Para entender desde cedo, que Deus só lhes dá um céu imenso porque elas têm condições de o alcançar.

Assim como nos dá sonhos, projetos e desejos, quando possuímos os meios de os realizar.

De tempos em tempos, voltaríamos às salas de aula das tardes claras só para vê-las, feito bandeiras, salpicando o azul.

Assim compreenderíamos, de uma vez por todas, que pipas são como pessoas e empresas bem sucedidas: usam a adversidade para subir às alturas.

(Autor: José Oliva)

Evidenciamos uma das piores crises que o nosso planeta já viveu, a Pandemia de Coronavírus-COVID-19. Com isso, está sendo necessário se reinventar todos os dias, procurar meios de estar conectados, mesmo distantes, de estar distante, mas presente na vida de muitas pessoas. Foi nessa perspectiva que o curso de extensão em Pedagogia Social se reinventou, pois entendemos que esse curso tornou-se essencial, no sentido de atender e servir não apenas acadêmicos e estudiosos das Universidades, mas acolher a todos de diferentes espaços. Do mesmo modo, fazer com que sementes sejam plantadas em forma de ações e iniciativas que visam o bem da humanidade.

Nesse contexto, em meio às atividades do curso, foi idealizado um outro canal de informações, orientações, ajuda, escuta, entre outras atividades a serviço de

quem achar que necessita. Dessa forma, diante de um grupo de pesquisa com bastante gente disposta a ajudar, cada um com sua sabedoria e dom, disponibilizou um dia da semana para estar à disposição das pessoas nesse canal em forma de um grupo de Whatsapp chamado “Conectados”, criado pela professora Dr.^a Margareth Martins de Araújo, coordenadora do curso de extensão em Pedagogia Social.

Sabendo das consequências do isolamento social⁶, recomendado pelas autoridades competentes como melhor forma de retardar o vírus, esse grupo de voluntários tornou menos difícil esse momento tão complicado na vida das pessoas. A aceitação desse grupo foi unânime e várias pessoas que já participaram do curso PIPAS pediram para entrar e interagir com os outros membros.

Em um dos plantões do grupo, uma frase chamou bastante atenção: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, em breve estarás fazendo o impossível” (SÃO FRANCISCO DE ASSIS). É nessa perspectiva que a Pedagogia Social ganha força, através de pequenas ações grandes transformações são percebidas.

Através do grupo “conectados”, os seus membros puderam compartilhar seus medos, suas angústias e também suas conquistas e crescimento durante o período pandêmico. Segue alguns dos relatos:

- Um obstáculo de não poder visitar as amigas/os que perderam seus entes queridos. E um crescimento, a aprendizagem da gratidão no cotidiano.
- O exercício da gratidão tem contribuído muito para meu crescimento. Sou muito grata (Marisa).

- Fiquei com minha autoestima muito baixa, pois quando pude enfim sair para arrumar um emprego e veio a quarentena... impedindo... e superação por conseguir aguardar as coisas passarem e chegar o momento certo. Ainda não estou empregada mas graças a Deus não me falta nada, só mesmo um emprego. Aprendi a aguardar. Viver como podemos, e a não surtar com os problemas e percebi que podemos driblar com boas ações, e bons pensamentos! O que antes não percebíamos, hoje estamos transformados e em momento de transbordo de coisas boas... e tudo tem a sua hora (Thayani).

- A princípio o medo de perder pessoas queridas ou de eu mesma faltar a eles me aterrorizou, entretanto, acreditar no meu Deus, entregar a ele minha vida deu coragem e força pra aprender novas maneiras de servir ao

⁶ Diante do isolamento social, muitas pessoas estavam tendo dificuldade de superar essa crise, não suportando estar longe de todos que amam e não praticar atividades que gostavam, mudando completamente a rotina. Consequentemente, muitos estavam precisando de ajuda de diferentes formas, como simplesmente ocupar a mente com uma boa leitura ou simplesmente ouvir alguém ou ser ouvido.

propósito do meu trabalho na Escola e também a me manter conectada a pessoas como vocês e outros grupos. Vivendo e aprendendo. Isso é incrível! (Beth).

- Estou impossibilitada de visitar os asilos, hospitais e carceragens. Tenho me dedicado a várias leituras de ótimas aprendizagens e escrevendo (Iari).

Nessa mesma proporção, as Lives⁷ também ganharam um espaço especial na vida dos cursistas e de outros interessados pelo assunto e a iniciativa. Alguns temas relacionados a Pedagogia Social foram abordados em Lives por pessoas que se prontificaram em compartilhar um pouco dos seus aprendizados e trajetória acadêmica, de vida e trabalho.

Percebeu-se durante os primeiros meses do curso de extensão em Pedagogia Social, que alguns dos cursistas tiveram problemas para seguir em frente com o curso, mesmo acontecendo de forma híbrida e com bastante flexibilização na realização das atividades. Dessa forma, alguns permaneceram calados com suas questões, outros procuraram se explicar o porquê do não cumprimento das atividades e/ou atrasos na sua realização.

Segue alguns relatos:

- Boa tarde. Ainda não respondi o questionário porque estive atendendo meu filho que teve um surto psicótico e em seguida fiquei muito ansiosa. Tenho dispensa médica até o dia 25. Ainda quero responder, é possível? (Maria Isabel).

- Estou mais enrolada que de costume, além da loucura que está sendo administrar “remotamente” a escola, perdi duas pessoas queridas (Allini Guimarães).

- Oi, Francisco. Perdi os encontros. Tive Covid-19. Estou na fase dos exercícios respiratórios. (Maria Isabel).

A partir daí, observou-se a necessidade de sensibilizar-se com as questões trazidas pela pandemia, pois ela foi capaz de desestruturar o trabalho, a rotina diária das pessoas, a família e até perdas muito próximas. Nesse sentido, durante os primeiros meses de isolamento social, foi possível ouvir diferentes relatos de alguns cursistas que acabaram se perdendo nas atividades do curso por causa do Covid-19.

⁷ As lives estiveram cada vez mais presente na vida das pessoas nos últimos meses por causa da Covid-19, pois muitos professores das escolas, cursinhos, universidades e de outros espaços e profissionais que abordam assuntos diversos, aperfeiçoaram essa ferramenta em tempos de isolamento social.

Portanto, nesse momento de quarentena vivido por todos, algumas pessoas necessitaram de mais orientações e apoio que outras, para superar essa fase. Tal questão possibilitou ouvirmos e compreendermos as necessidades do outro. Do mesmo modo, buscamos juntos, não a solução para todos os problemas, mas sim o ânimo para seguir em frente, apesar de tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se a partir de memórias da infância, adolescência e a vida adulta, a importância do ato de servir. E o quanto esse gesto é benéfico tanto para quem é ajudado quanto para quem ajuda, através de pequenas atitudes que se transformam em grandes alegrias.

Os relatos descritos no presente artigo perpassam diferentes situações vividas no contexto familiar, escolar, universitário e profissional, discorrendo sobre o trabalho voluntário e os resultados dessa prática cotidiana.

Nessa perspectiva, considera-se o curso de extensão em Pedagogia Social da UFF uma excelente oportunidade de mostrar e/ou desenvolver ações em prol da humanidade, pois o trabalho de conclusão do curso tem como proposta uma ação social e elaboração de um portfólio que conta o processo dessa ação no ambiente em que foi aplicado o trabalho voluntário. Dessa forma, acredita-se que a pedagogia social é necessária em diferentes espaços, pois a sua prática promove o bem-estar, a empatia e emana energia positiva, capaz de tornar mais brandos os desafios e obstáculos.

O grupo de pesquisa em Pedagogia Social atua através do grupo PIPAS – UFF para que a prática da generosidade, sensibilidade, empatia e ações sociais passem a fazer parte do cotidiano de muitas pessoas em diferentes espaços. Sem dúvida, essa é uma equipe unida e que trabalha em prol do bem da humanidade, da Universidade para outros espaços escolares e não-escolares.

Conclui-se que o período da pandemia deixará muitos aprendizados para a humanidade. E a Pedagogia Social esteve presente nesse período com muitas pessoas que procuraram estar conectadas umas com as outras para atravessar dias difíceis. Dessa forma, o grupo do Whatspp criado pela professora Dr.^a Margareth proporcionou estarmos juntos e compartilharmos nossas tristezas, angústias e também nossos crescimentos. Da mesma forma, outras maneiras de não ficarmos

parados foram de fundamental importância para não perder as esperanças e/ou se desesperar diante do caos que a humanidade tem vivido nos últimos tempos.

Percebe-se então que a Pedagogia Social tem sido muito útil e necessária na vida de muitas pessoas, pois além de servir, ela prepara outros sujeitos para continuar servindo com aquilo que sabe fazer, de onde está e com o que tem no momento.

Diante do exposto, percebe-se a fundamental importância do trabalho voluntário em espaços em que se acredita em dias melhores, como a escola e a Universidade, ambos evidenciados neste artigo como parte da história da vida de muitas pessoas. Nesse sentido, esses espaços são considerados o princípio da formação acadêmica e profissional do sujeito, ocupá-los é tornar legítimo o direito à educação e o valor da igualdade entre as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Margareth Martins. **Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras**. 1 ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2015.

BUSCAGLIA, Leo. **Amor**. 22 ed. Rio de Janeiro: Nova era, 2002.

COELHO, Mônica Paranhos. **Jovens e cultura marginal: do mínimo ao máximo – derrubando muros**. Curitiba: CRV, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educadores de rua, uma abordagem crítica**. Alternativas de atendimento aos meninos de rua. UNICEF, 1989.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

O CAMINHO, Fraternidade. **Viva São Francisco**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/fraternidadeocaminho/posts/1671472719570192/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa de. **Crianças narradoras e suas vidas cotidianas**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

PASSOS, Jacy Marques. **Pedagogia Social: Teoria e prática do educador social e a expressão dos sentimentos nos abrigos e nas ruas**. Curitiba: CRV, 2019.

SORRIA. **Vento contra é pra gente voar**. 2015. Disponível em: <https://www.sorria.com.br/vento-contra-e-pra-gente-voar/>. Acesso em: 17 ago. 2020.